

A APLICAÇÃO VARIÁVEL DA ELEVAÇÃO SEM MOTIVAÇÃO APARENTE DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS EM PORTO ALEGRE: CONSIDERAÇÕES À LUZ DA TEORIA DE EXEMPLARES

VARIABLE APPLICATION OF PRETONIC MID-VOWEL RAISING WITH NO APPARENT MOTIVATION IN PORTO ALEGRE: CONSIDERATIONS UNDER EXEMPLAR THEORY

Ana Paula Correa da Silva Biasibetti*

Resumo: Este estudo investiga a aplicação variável da elevação sem motivação aparente das vogais médias pretônicas, verificada em s[e]nhor ~ s[i]nhor e g[o]verno ~ g[u]verno, p. ex., na fala de jovens porto-alegrenses. O objetivo central é verificar os graus de favorecimento dos itens lexicais e dos radicais para a aplicação do alçamento quando comparados às variáveis linguísticas e sociais propostas. Para tanto, a amostra Jovens Porto-Alegrenses, pertencente ao banco VARSUL (Variação Linguística no Sul do Brasil), foi submetida à análise estatística de efeito misto (JOHNSON, 2009). Os resultados quantitativos indicaram que apenas as variáveis Item Lexical e Radical são estatisticamente favorecedoras da elevação de /o/, evidenciando que a elevação é condicionada primariamente pelo léxico. Quanto à vogal /e/, o reduzido número de ocorrências evidenciou que o alçamento atinge alguns itens lexicais e radicais específicos. Constatou-se, assim, que a baixa aplicação do processo diz respeito a algumas palavras isoladas sem revelar um condicionador fonético específico em comum. Além disso, verificou-se que a elevação se propaga de modo difuso através de radicais atingindo algumas formas e outras não. A discussão dos resultados partiu dos pressupostos teóricos da Difusão Lexical (CHEN, WANG, 1975; OLIVEIRA, 1991, 1992, 1995) e avançou através da Teoria de Exemplares (JOHNSON, 1997; PIERREHUMBERT, 2001, 2003) para explicar a variação fonético-fonológica através da frequência de ocorrência das formas alternantes.

Palavras-chave: Vogais médias pretônicas; Elevação sem motivação aparente; Variação fonético-fonológica; Teoria de Exemplares.

Abstract: This study investigates the variable application of pretonic mid-vowel raising with no apparent motivation, as in s[e]nhor ~ s[i]nhor and g[o]verno ~ g[u]verno, in the speech of youths from Porto Alegre. The main objective is to verify if lexical items and word stems favor the raising process when compared to linguistic and social variables. In order to do so, we analyzed a sample from VARSUL (Linguistic Variation in Southern Brazil) database composed of youths born and raised in Porto Alegre using mixed-effect variable rule analysis (JOHNSON, 2009). The quantitative results indicated that only Lexical Item and Word Stem statistically favored the raising of /o/, revealing that the lexicon conditions the process. Regarding /e/ vowel, the limited number of tokens indicated that the raising applies on some isolated words with no phonetic conditioner in common. Besides that, we verified that the raising spreads diffusely through stems affecting some words but not all. The discussion about the results started with the premises of Lexical Diffusion (CHEN, WANG, 1975; OLIVEIRA, 1991, 1992, 1995) and advanced with Exemplar Theory (JOHNSON, 1997;

* Doutoranda em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista do CNPq.
E-mail: biasibetti.ana@gmail.com

PIERREHUMBERT, 2001, 2003) in order to explain the phonetic-phonological variation through token frequency of the alternating forms.

Keywords: Pretonic mid vowels; Raising with no apparent motivation; Phonetic-phonological variation; Exemplar Theory.

Introdução

A variação fonético-fonológica verificada em palavras como qu[e]rido ~ qu[i]rido e c[o]ruja ~ c[u]ruja é atestada na literatura como uma regra de assimilação (cf. BISOL, 1981, 2009). No referido processo, conhecido como harmonização vocálica, a presença de uma vogal alta em sílaba subsequente às vogais médias /e/ e /o/ pretônicas é o gatilho do processo de elevação ou alçamento que resulta na alternância [e] ~ [i] e [o] ~ [u].

Ainda que não apresentem o contexto de aplicação da regra de harmonização vocálica, verificamos que as vogais médias pretônicas de palavras como *senhor* e *governo*, entre outras, também alçam variavelmente. Dessa forma, detectamos de oitiva as formas alternantes s[i]nhor e g[u]verno.

Bisol (2009) entende que as vogais médias /e/ e /o/ pretônicas alçadas na ausência do contexto vogal alta em sílaba subsequente estão sujeitas à regra de alçamento ou elevação sem motivação aparente. Em relação à variedade falada em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Klunck (2007) e Cruz (2010) exploraram o referido processo e ambos constataram que as baixas taxas de aplicação do alçamento dizem respeito a palavras isoladas, no caso de /e/, e a paradigmas derivacionais, no caso de /o/.

A fim de dar continuidade aos estudos de Klunck (2007) e Cruz (2010), cujos resultados sugeriram um possível papel condicionador dos itens lexicais e radicais para a elevação sem motivação aparente das vogais médias pretônicas na variedade porto-alegrense, o presente estudo conferiu tratamento estatístico inédito a uma amostra do banco VARSUL (Variação Linguística no Sul do Brasil) composta por 17 jovens¹.

A análise quantitativa de efeito misto (JOHNSON, 2009) possibilitou verificar os graus de favorecimento das variáveis de fatores aleatórios Item Lexical e Radical para a elevação sem motivação aparente quando comparados às variáveis de fatores fixos

¹ Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 17958713.2.0000.5336.

linguísticas e sociais propostas. Assim, a inclusão de variáveis de fatores aleatórios na investigação sobre a elevação sem motivação aparente é o elemento inédito deste estudo quando comparado aos trabalhos que o precederam.

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul sob o protocolo nº 17958713.2.0000.5336. As análises que a precederam, os pressupostos teóricos que a nortearam, a metodologia de trabalho e os resultados obtidos serão apresentados nas seções a seguir.

1 Antecedentes

1.1 Klunck (2007)

Klunck (2007) analisou uma amostra do banco VARSUL coletada em Porto Alegre em 1996 e composta por 24 informantes (12 homens e 12 mulheres) com diferentes níveis de escolaridade. Foram excluídos da amostra inicial os vocábulos que apresentavam vogal alta em sílaba subsequente (pepino, coruja), os vocábulos iniciados por eN-, eS- (ensolarado, esgoto) e pelo prefixo des- (desemprego, desmontar). Também foram excluídos os vocábulos em que vogais em sequência formavam ditongo ou hiato (coalho, teatro).

A elevação de ambas as vogais mostrou-se pouco expressiva, com 12% de aplicação para a vogal /o/ (N = 1.979) e 4% de aplicação para a vogal /e/ (N = 2.229). A análise estatística foi realizada através do programa Goldvarb X² e levou em consideração as variáveis Distância da Sílabla Tônica, Tipo de Sílabla, Altura da Vogal Precedente, Altura da Vogal Seguinte, Posição da Pretônica, Contexto Fonológico Precedente, Contexto Fonológico Seguinte, Nasalidade, Faixa Etária, Gênero e Escolaridade.

O fator palatal nasal em contexto seguinte à vogal alvo mostrou-se o fator mais favorecedor à elevação de /e/ e de /o/. Contudo, quanto à vogal /e/, 31 de um total de 34 ocorrências referiam-se às formas alçadas das palavras *senhor*, *senhora* e *senhorita*,

² O programa Goldvarb X (SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali. SMITH, Eric. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics, University of Toronto, 2005) não possibilita a análise de efeito misto, apresentando resultados referentes apenas ao efeito de variáveis de fatores fixos.

comprometendo os resultados obtidos. O fator dorsal revelou-se condicionador do alçamento de /e/ e pouco condicionador da aplicação em /o/. O fator coronal, por fim, mostrou-se inibidor da elevação para ambas as vogais médias.

Os fatores dorsal e palatal em contexto precedente apresentaram os índices mais altos de elevação de /o/. Quanto à vogal /e/, a relevância do fator palatal ficou comprometida em face da escassez de dados (3/37) e da ocorrência de vocábulos com o mesmo radical *chove-*. O fator labial mostrou-se relevante à aplicação da regra para a vogal /e/, enquanto apresentou um valor neutro para /o/. O fator coronal mostrou-se favorecedor da elevação de /e/, porém este resultado foi mascarado pela ocorrência frequente das formas alçadas de *senhor* e *senhora*.

O fator vogal média em sílaba seguinte apresentou os valores mais altos para ambas as vogais, enquanto que as vogais baixas revelaram-se inoperantes no processo de elevação. Quanto ao fator vogal alta em sílaba precedente, verificou-se que, de um total de 20 ocorrências, 18 ocorrências diziam respeito ao item *futebol* em sua forma alçada fut[i]bol, impossibilitando a generalização de que o fator vogal alta motiva a elevação. As vogais médias e baixas, por fim, não ofereceram motivação para a elevação.

No que concerne à variável Distância da Sílabas Tônicas, o fator distância 1 apresentou favorecimento à elevação da vogal /e/, enquanto que as distâncias 2 e 3 mostraram-se irrelevantes para o alçamento da vogal. Para a vogal /o/, o fator distância 2 apresentou pouco favorecimento, enquanto que as distâncias 1 e 3 apresentaram papel inoperante e índices pouco relevantes, respectivamente.

A variável Tipo de Sílabas foi selecionada como estatisticamente relevante apenas para a vogal média /e/. O fator sílaba leve mostrou-se mais favorecedor do alçamento de /e/ do que o fator sílaba pesada. Em relação à Nasalidade, o fator vogal nasal apresentou os índices mais elevados de favorecimento à elevação para ambas as vogais.

Quanto às variáveis sociais, os resultados indicaram que os homens tendiam a alçar a vogal /e/ mais do que as mulheres e os informantes menos escolarizados elevaram mais quando comparados aos informantes com mais anos de instrução escolar. A autora atribui à ortografia a influência sobre o fenômeno.

Destacamos no estudo de Klunck (2007) o fato de que a concentração de determinados itens lexicais interferiu em muitos dos resultados obtidos: ao desconsiderar as palavras muito recorrentes na amostra, os fatores contextuais

passaram a apresentar graus de favorecimento baixos ou neutros, indicativos de seu papel pouco significativo no alçamento sem motivação aparente.

Klunck (2007, p. 77) concluiu que a regra de elevação sem motivação aparente não existe na variedade porto-alegrense, pois as formas alternantes aparecem modestamente no léxico. A elevação de /e/ ocorre em palavras isoladas (*senhor, futebol, aparecer*, p. ex.) e a elevação de /o/ envolve palavras com o mesmo paradigma derivacional (*acontec-, bot-, chov-, começ-, com-, conheç-, conseq-, convers-, fog-, govern-*, p. ex.).

Diferentemente da harmonização vocálica, que ocorre em face de uma regra fonética que atua variavelmente em ambiente específico, a variação observada nos dados analisados por Klunck (2007) está limitada a alguns itens e grupos lexicais independentemente de seu ambiente fonético, sugerindo que uma regra difusionista está em atuação.

1.2 Cruz (2010)

Cruz (2010) analisou o alçamento sem motivação aparente das vogais médias pretônicas em Porto Alegre através das ocorrências de duas amostras do banco VARSUL. A amostra 1988-89 é composta por 18 informantes (9 homens e 9 mulheres) com nível de escolaridade Fundamental ou Médio, enquanto que a amostra 2007-09 conta com 18 informantes (9 homens e 9 mulheres) com ensino superior.

As taxas de aplicação da elevação sem motivação aparente encontradas na amostra 1988-89 foram relativamente baixas com 8,1% para /e/ (N = 2.083) e 17,8% para /o/ (N = 1.366). Na amostra 2007-09, a aplicação foi ainda mais baixa, com 7,9% para /e/ (N = 3.243) e 10% para /o/ (N = 1.976).

Cruz (2010) fez uso dos mesmos critérios de exclusão de ocorrências utilizados por Klunck (2007), assim como utilizou o programa estatístico Goldvarb X para analisar as variáveis Contexto Seguinte, Contexto Precedente, Altura da Vogal Seguinte, Altura da Vogal Precedente, Altura da Vogal Tônica Não Contígua, Nasalidade, Tipo de Sílabas, Classe Gramatical, Gênero e Idade.

Ao realizar o comparativo entre as duas amostras, o autor observou que, quanto ao contexto seguinte, os fatores dorsal e labial favoreceram a elevação de /e/, enquanto

que os fatores palatal e labial favoreceram /o/ na amostra mais recente. A amostra 1988-89 indicou, entretanto, que o fator palatal favorecia /e/ e que coronal favorecia /o/. Em relação à variável Contexto Precedente, os fatores coronal e dorsal favoreceram a elevação de /e/ e o fator dorsal favoreceu /o/ em ambas as amostras.

No que concerne à altura da vogal seguinte, as vogais médias foram os contextos que mais favoreceram a elevação de ambas as vogais nas duas amostras. A variável Altura da Vogal Precedente mostrou-se relevante para a elevação da vogal /e/ em ambas as amostras, sendo que a vogal alta foi o contexto mais favorecedor. Tal resultado, contudo, está distorcido em face da aplicação da elevação categórica do vocábulo *futebol* (fut[i]bol), comprometendo o resultado. Já para a vogal /o/, a vogal baixa foi o contexto que mais favoreceu sua elevação, sendo que o fator mostrou-se estatisticamente significativo apenas na amostra 2007-09.

A variável Altura da Vogal Tônica Não Contígua foi selecionada pelas duas vogais na amostra 1988-89, sendo que os fatores média/baixa foram os mais favorecedores. Na amostra 2007-09, no entanto, o fator média/baixa foi relevante apenas para o alçamento de /o/.

A Nasalidade, tanto na mesma sílaba quanto em sílaba seguinte, favoreceu a elevação de ambas as vogais da amostra 1988-89 e apenas da vogal /o/ na amostra 2007-09. Já a sílaba leve favoreceu a elevação das duas vogais médias pretônicas na amostra mais antiga e apenas da vogal /o/ na amostra mais recente.

Substantivos, adjetivos, numerais e advérbios favoreceram a elevação de /e/ nas duas amostras. Verbo, por sua vez, favoreceu apenas o alçamento de /o/.

Gênero foi selecionada como estatisticamente significativa na amostra 2007-09, sendo que homens elevavam mais /e/ e as mulheres elevavam mais /o/. Idade foi selecionada pela amostra 1988-89, com os indivíduos de 51 anos ou mais favorecendo a elevação de /e/ e os indivíduos entre 36 e 50 anos favorecendo a elevação de /o/.

O autor explicita que os radicais *começ-*, *conhec-*, *convers-*, *pequen-*, *futebol-*, *professor-* e *coleg-* concentravam muitas das formas alçadas na amostra, interferindo nos resultados apresentados. Além disso, o alçamento atingia palavras isoladas como *desastre*, *costela* e *sotaque*, por exemplo, que não exprimiam nenhum contexto fonético específico em comum (CRUZ, 2010, p. 143).

Essa concentração de determinados itens lexicais e radicais gera resultados pouco conclusivos quanto ao grau de favorecimento de fatores contextuais. Isso, somado à impossibilidade de extrair um padrão linguístico e/ou social regular de aplicação da elevação sem motivação aparente, dá margem à hipótese, sugere o autor, de que o fenômeno variável em questão pode estar sendo condicionado pelo léxico.

2 Pressupostos teóricos

2.1 Difusão Lexical

Karl Brugmann e Hermann Osthoff formalizaram em 1878 o pressuposto neogramático de que a mudança sonora decorre da aplicação de leis fonéticas regulares, as quais não admitem exceções senão casos de analogia ou de empréstimo dialetal.

A hipótese neogramática previa que a evolução histórica das línguas devia-se à aplicação de leis fonéticas que promoveriam mudanças sonoras foneticamente graduais e lexicalmente repentinas. Assim entendida, na presença de condicionamento fonético, a mudança sonora afetaria simultaneamente todos os vocábulos da língua que apresentassem aquele contexto fonético específico. A mudança neogramática caracterizava-se, portanto, pela implementação regular de um processo como $X \rightarrow Y/_Z$.

Tais regras não explicavam, contudo, por que algumas palavras permaneciam intocadas pela lei fonética, apesar do potencial de aplicação gerado pelo condicionamento fonético ou, ainda, por que algumas palavras sofriam a mudança sonora mesmo na ausência de um contexto fonético favorecedor.

Por volta da década de 1970, Chen e Wang (1975) sugeriram que a mudança sonora era uma inovação na qual um condicionador lexical se sobrepunha a um condicionador fonético. Os autores verificaram que a mudança sonora tratava-se, na verdade, de um processo de difusão lexical no qual uma mudança sonora poderia se originar mesmo na ausência de condicionamento fonético, pois iniciaria em uma palavra e não em um som.

Chen e Wang (1975) reforçaram seu argumento de que o componente lexical tinha uma função primária no mecanismo de mudança sonora a partir de exemplos do

sistema tonal do dialeto chinês Cháozhou, da alternância acentual em inglês e do apagamento de /d/ final na língua sueca.

Os referidos estudos corroboraram a hipótese de que a mudança começava na palavra, sem, com isso, excluir o componente fonético do processo de mudança linguística. Ao estabelecer o papel secundário do condicionador fonético, a teoria difusionista justifica a existência de itens lexicais que não são atingidos pela mudança que se opera em outros itens lexicais com o mesmo condicionamento fonético.

A hipótese difusionista prevê, portanto, que as mudanças sonoras são foneticamente repentinas e lexicalmente graduais, ou seja, a mudança sonora começa abruptamente em uma palavra isolada e, a partir dela, pode se propagar gradualmente para outras palavras com contexto fonético semelhante.

Oliveira (1991) argumenta que a diferença fundamental entre as propostas neogramática e difusionista está no ordenamento dos condicionadores envolvidos no processo. Assim, enquanto que para os neogramáticos o condicionamento fonético precede o condicionamento lexical, para os difusionistas a relação é oposta, ou seja, o condicionamento lexical antecede o condicionamento fonético.

Ao explorar o exemplo da palatalização de /t/ e /d/ em português, Oliveira (1991, p. 103) explica que as sequências [ti] e [tʃi] coexistiram, mas, diante do fato de que a articulação da consoante palatal [tʃ] é mais natural à articulação da vogal [i] do que a consoante alveolar [t], a regularidade de aplicação da palatalização foi atingida ao final do processo: considerando uma regra como $X \rightarrow Y / _Z$ "(...) onde Z é um contexto fonético natural para Y, a regularidade pode ocorrer; onde não o é, a irregularidade aparece e encontramos seleção lexical" (OLIVEIRA, 1991, p. 104).

Em estudo posterior, Oliveira (1992) considera a mudança sonora uma inovação na qual o contexto fonético atua mais como o estabilizador da inovação do que como condicionador, dando respaldo local à fixação da alternância sonora.

2.2 Teoria de Exemplos

A Teoria de Exemplos (JOHNSON, 1997; PIERREHUMBERT, 2001, 2002, 2003) é, à semelhança do Difusionismo, um modelo de cunho lexical, pois atribui às palavras e não aos sons a origem da variação e mudança sonora.

O modelo exemplarista fundamenta-se essencialmente na Fonologia de Uso (BYBEE, 2001), a qual defende que as línguas são adquiridas através do uso e que o uso atua sobre a representação da língua, uma vez que formas variantes frequentes podem resultar em mudança na representação mental de uma palavra.

A hipótese exemplarista assume que as representações mentais são multirrepresentacionais, uma vez que uma forma linguística pode ser representada por mais de uma instância/exemplar. Entende-se que o exemplar é a memória da ocorrência de uma palavra que carrega consigo diferentes informações. Pierrehumbert (2003) considera que tanto a informação linguística (fonética, fonológica, morfológica, etc.) quanto a informação social estão associadas a um exemplar. Assim, o conteúdo sociolinguístico seria considerado na organização e uso da língua refletindo a realidade de aplicação de muitos processos variáveis.

A organização do conhecimento linguístico ocorreria através da categorização dos exemplares em nuvens que armazenam cognitivamente os exemplares fonética e semanticamente assemelhados conforme eles vão sendo experienciados pelo falante/ouvinte. Dentro da nuvem formada por redes de associação, os exemplares se distribuem em um espaço paramétrico dinâmico que, com o uso, pode se reorganizar. Segundo Pierrehumbert (2001, p. 140), uma determinada instância pode se manter mais ao centro da nuvem por força de sua frequência e/ou do quão recente sua ocorrência é para o falante. Simultaneamente, os exemplares que ocupam a região mais periférica da nuvem continuam à disposição do falante, tanto na produção quanto na percepção, dando margem à variação linguística tal qual ela ocorre na língua.

Considerando os casos de variação fonético-fonológica, a Teoria de Exemplares pressupõe que o falante possui para um mesmo fonema múltiplas realizações ou alofones disponíveis dentro de uma nuvem de exemplares. Isso significa que os falantes armazenam informação redundante (representação fonética) e não apenas abstraem a forma subespecificada (representação fonológica) das palavras.

A escolha por uma ou outra forma variante não é aleatória, mas depende de quanto um exemplar encontra-se cognitivamente fortalecido no léxico do falante quando comparado aos demais exemplares. Isso significa que a variação emerge do próprio uso linguístico, a partir da computação de formas variantes e da informação sociolinguística a elas atreladas.

Assim, considerando-se um *input* variável como f[o]gão ~ f[u]gão, ainda que a forma alternante f[u]gão não seja verificada na variedade porto-alegrense, se houver correspondência semântica, ao entrarem em contato com ela, os falantes porto-alegrenses a associarão à nuvem que já possui a forma f[o]gão. De acordo com Pierrehumbert (2003, p. 131), quando o falante entra em contato com novas ocorrências, essas são comparadas e classificadas de acordo com categorias previamente construídas. A comparação entre os exemplares f[o]gão e f[u]Gao por si só gera a informação de que a forma alçada é uma forma alternante que pertence à outra variedade e cujo uso linguístico está atrelado ao condicionamento social.

3 Metodologia

A amostra Jovens Porto-Alegrenses (banco VARSUL) foi coletada em 2004 e é composta por 20 entrevistas de 30 minutos cada com jovens que concluíram o Ensino Médio. Referimo-nos aos integrantes da amostra aqui analisada como jovens a partir da definição da Organização Mundial de Saúde (1989), a qual classifica os indivíduos entre 10 e 24 anos de idade como pertencentes a essa faixa etária. O grupo jovem subdivide-se, por sua vez, em grupo Pré-Adolescente (10-14 anos), Adolescente (15-19) e Adulto Jovem (20-24). O presente estudo contempla apenas informantes dos dois últimos grupos.

Os procedimentos de escuta das gravações e de preenchimento das fichas sociais revelaram que 17 informantes se adequavam aos pré-requisitos estabelecidos, a saber:

- 1) falar português;
- 2) ter morado na cidade pelo menos 2/3 de sua vida;
- 3) não ter morado fora da região por mais de um ano durante a aquisição da língua materna;
- 4) ter pais que moraram na cidade pelo menos 2/3 de suas vidas.

Os informantes habilitados distribuem-se por sexo e idade conforme o Quadro 1 a seguir:

Quadro 1: Distribuição da amostra Jovens Porto-Alegrenses

HOMENS		MULHERES	
Idade	Número de informantes	Idade	Número de informantes
15	-	15	-
16	2	16	-
17	3	17	1
18	1	18	3
19	1	19	1
20	1	20	1
21	-	21	2
22	-	22	-
23	1	23	-
24	-	24	-
TOTAL	9	TOTAL	8

Fonte: A Autora.

As variáveis linguísticas propostas foram Altura da Vogal Precedente, Altura da Vogal Seguinte, Tipo de Sílabas, Posição do Alvo, Nasalidade, Distância entre a Vogal Alvo e a Sílabas Tônicas, Atonicidade da Vogal Alvo, Contexto Precedente, Contexto Seguinte, Classe Gramatical, Item Lexical e Paradigma. Entre as variáveis sociais, consideram-se Sexo, Idade, Faixa Etária e Escolaridade.

A escuta e o levantamento das ocorrências relevantes para a investigação do alçamento sem motivação aparente foram realizados de oitiva. Desconsideram-se as palavras que apresentavam:

- 1) vogal alta em sílabas subsequentes à vogal alvo (pepino, coruja, meticuloso);
- 2) eN-, eS- e prefixo des- iniciais (ensopado, espelhado, descolar);
- 3) vogais em sequência que formam ditongo ou hiato (teatro, coalho);
- 4) vogal alta fonológica em sílabas precedentes à vogal alvo (futebol, isopor), com vistas a eliminar quaisquer interferências da vogal alta fonológica;
- 5) formação por justaposição (sobrenome, setecentos), pois a vogal alvo dessas palavras localiza-se, na verdade, em posição átona final;
- 6) classificação funcional, em favor das palavras lexicais;
- 7) menos de 5 ocorrências na amostra.

Entre os critérios de seleção de ocorrências acima citados, os três primeiros foram utilizados por Klunck (2007) e Cruz (2010). Os demais critérios são inéditos e foram propostos a fim de eliminar dados irrelevantes para a análise quantitativa. Assim, atendidos os cinco primeiros critérios de seleção de ocorrências, obteve-se um total de 2.412 ocorrências da vogal /e/ e 1.924 ocorrências totais da vogal /o/³. Mediante a aplicação do sexto critério, obteve-se 2.249 ocorrências /e/ e 1.770 ocorrências de /o/.

Tendo em vista que muitas palavras apresentavam ocorrências escassas, aplicou-se o último critério de seleção de ocorrências e, com isso, excluíram-se da análise quantitativa as palavras pouco frequentes na amostra. Tal procedimento justifica-se pois a computação de um número significativo de itens lexicais de baixa frequência na amostra gera resultados que apontam para comportamentos não generalizáveis. As palavras que apresentam uma única ocorrência nada têm a dizer sobre a variação, o mesmo pode ser estendido às palavras com duas, três ou quatro ocorrências totais. Daí optarmos por analisar somente as palavras com cinco ou mais ocorrências, dada a sua representatividade na amostra.

O levantamento final das ocorrências que atenderam integralmente aos critérios de seleção aparece elencada por item lexical e por radical no Quadro 2 a seguir:

Quadro 2: Total de ocorrências de /e/ e /o/ por Item Lexical e por Radical

CLASSIFICAÇÃO LEXICAL	VOGAL /e/	VOGAL /o/
Item Lexical	1.562	1.268
Radical	1.883	1.516

Fonte: A Autora.

As ocorrências foram transcritas, codificadas em Excel⁴ e submetidas ao programa estatístico Rbrul⁵. O Rbrul realiza a análise de regressão logística considerando o efeito misto de variáveis de fatores fixos e aleatórios. Variáveis de fatores fixos são aquelas cuja realização das ocorrências é parametrizada por fatores fixos. Esse é o caso da variável Classe Gramatical, cujos fatores, neste estudo, foram substantivo, adjetivo, advérbio e verbo. Uma variável tem fatores aleatórios quando estes não podem ser integralmente previstos pelo pesquisador: para a variável Item

³A relação completa das palavras elencadas neste estudo pode ser consultada em Silva (2014).

⁴Microsoft Office Excel 2003.

⁵ Disponível em <<http://cran.r-project.org>>. Versão R i386 3.0.2. Acesso em: 23 set. 2013.

Lexical, por exemplo, cada palavra produzida pelos informantes é interpretada como um fator.

O modelamento dos dados através do Rbrul fornece os valores *logodds* para variáveis fixas e *intercepts* para variáveis aleatórias, além de peso relativo. *Logodds* e *intercepts* negativos indicam que o fator não é estatisticamente significativo para a aplicação da regra variável, enquanto que os coeficientes positivos indicam que há favorecimento à aplicação da regra. Quanto ao peso relativo, valores acima de 0,5 indicam o favorecimento do fator para a aplicação do processo variável; valores abaixo de 0,5 indicam o desfavorecimento da aplicação; valores iguais ou muito próximos a 0,5 indicam a neutralidade de aplicação do processo.

Diante da baixa aplicação do processo variável na amostra, realizaram-se cruzamentos (*crosstabs*) entre as variáveis linguísticas e a variável dependente⁶ com o intuito de explicitar quais vocábulos eram inerentemente invariantes e, assim, viabilizar a exclusão das ocorrências irrelevantes para a análise quantitativa.

A exclusão dos dados inerentemente invariantes culminou em uma computação diferenciada dos dados que apresenta vantagens metodológicas em termos de análise e interpretação do fenômeno variável, pois, ainda que o Rbrul seja capaz de modelar os dados na presença de nocautes positivos e negativos (diferentemente de outros programas estatísticos que processam regras variáveis), o algoritmo não consegue modelar um conjunto de dados que apresenta uma concentração muito extrema de itens lexicais invariantes, gerando resultados distorcidos sobre o comportamento do processo.

Quaisquer formas com 100% ou 0% de aplicação são, por definição, invariantes e, quando muito frequentes em uma amostra, não devem ser consideradas na análise quantitativa a fim de atender ao argumento estatístico fundamental de que somente formas variáveis devem ser submetidas ao cálculo de regra variável.

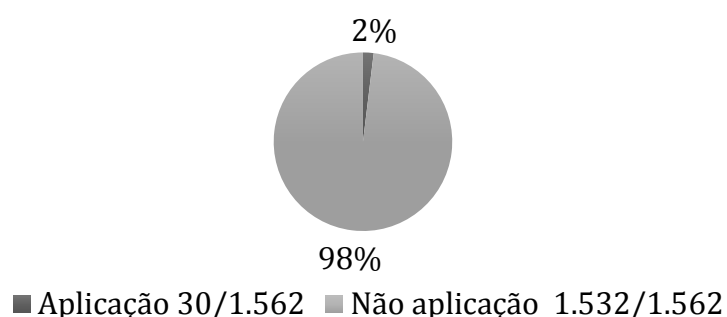
⁶Conforme sugerido por Daniel Johnson (comunicação particular).

4 Resultados

4.1 Vogal /e/

A frequência de aplicação da elevação sem motivação aparente da vogal /e/ pretônica entre as palavras lexicais frequentes, ou seja, com cinco ou mais ocorrências na amostra, foi de 2% (N=1.562), conforme o Gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1: Frequência de aplicação da elevação sem motivação aparente – vogal /e/



Fonte: A Autora.

Observa-se entre os jovens porto-alegrenses uma saliente predileção pela conservação da vogal /e/ pretônica com 98% do total de ocorrências permanecendo inertes à aplicação do processo variável, corroborando no grupo jovem a tendência verificada entre os falantes adultos analisados por Klunck (2007) e por Cruz (2010).

O Quadro 3 a seguir relaciona os vocábulos variantes entre as ocorrências da vogal /e/ em palavras lexicais frequentes, aos quais a análise pautou-se.

Quadro 3: Itens lexicais variantes – vogal /e/

ITEM LEXICAL	NÃO APLICAÇÃO	APLICAÇÃO	TOTAL
evangélica	4	2	6
senhora	2	6	8
TOTAL	6	8	14

Fonte: A Autora.

Observa-se que apenas dois itens lexicais são inerentemente variantes na amostra, a saber, *evangélica* e *senhora*. Itens lexicais como *pequena* e *pequeno* não foram incluídos nessa relação porque alçaram categoricamente na amostra analisada, ou seja, são invariantes.

Diante desse quadro, a análise quantitativa por item lexical foi inviabilizada pelo reduzido número de ocorrências. As implicações teóricas desse fato serão discutidas à luz da Teoria de Exemplares e apresentadas em seção posterior. Reproduziu-se a seguir a relação dos radicais variantes no conjunto de ocorrências de /e/.

Quadro 4: Radicais variantes – vogal /e/

RADICAIS	NÃO APLICAÇÃO	APLICAÇÃO	TOTAL
evangel-	4	4	8
senhor-	3	8	11
TOTAL	7	12	19

Fonte: A Autora.

Os alçamentos concentraram-se em quatro radicais, a saber, *evangel-*, *pens-*, *pequen-* e *senhor-*. Entretanto, o alçamento categórico do radical *pequen-* e a baixíssima aplicação do processo variável em *pens-* (um único alçamento em 54 ocorrências totais) reduziu a relação de radicais variantes a apenas dois paradigmas. A análise resumiu-se, portanto, à investigação dos radicais *evangel-* e *senhor-*, inviabilizado o cálculo de regressão logística à semelhança do que ocorreu na análise a partir dos itens lexicais.

4.2 Vogal /o/

A frequência de aplicação global da elevação sem motivação aparente de /o/ em palavras lexicais frequentes na amostra foi de 3% (N=1.268), conforme o Gráfico 2 a seguir.

Gráfico 2: Frequência de aplicação da elevação sem motivação aparente – vogal /o/



Fonte: A Autora.

A baixa taxa de aplicação da elevação sem motivação aparente para a vogal /o/ era esperada na amostra Jovens Porto-Alegrenses à semelhança do que ocorreu nas amostras analisadas por Klunck (2007) e Cruz (2010). Assim, com o intuito de verificar o grau de variabilidade da amostra, aqui também realizou-se o cruzamento entre a variável Vocábulo e a variável dependente. A relação dos vocábulos variantes na amostra aparece no Quadro 5 a seguir.

Quadro 5: Itens lexicais variantes – vogal /o/

ITEM LEXICAL	NÃO ELEVAÇÃO	ELEVAÇÃO	TOTAL
comer	13	16	29
concordo	4	2	6
começa	11	3	14
conversando	17	3	20
conversa	6	1	7
poder	15	1	16
começo	18	1	19
começar	32	2	34
comecei	57	2	59
TOTAL	173	31	204

Fonte: A Autora.

A primeira rodada de cálculos apresentou resultados distorcidos explicáveis pelo fato de que uma informante apresentava taxa de aplicação da elevação quase quatro vezes maior que os demais informantes da amostra, concentrando 9 alçamentos entre as 31 ocorrências alçadas. Por essa razão, julgou-se necessário realizar nova rodada de cálculos após a exclusão das ocorrências dessa informante do arquivo de dados.

Nessa rodada, o programa selecionou apenas a variável Item Lexical como estatisticamente significativa para a elevação sem motivação aparente de /o/, conforme resultados apresentados a Tabela 1 a seguir.

Tabela 1: Elevação da vogal /o/ – Item Lexical

ITEM LEXICAL	INTERCEPTS	APLICAÇÃO	%	PESO RELATIVO
comer	2.706	15/28	53,6	0,926
concordo	1.459	2/6	33,3	0,783
poder	0.028	1/16	6,2	0,464
conversando	-0.014	1/17	5,9	0,453
começo	-0.055	1/18	5,6	0,443
começar	-0.471	1/32	3,1	0,344
conversa	-0.474	0/6	0	0,344
começa	-0.699	0/11	0	0,295
comecei	-0.917	1/58	1,7	0,251
TOTAL DE APLICAÇÃO 22/192				
Desvio: 106.223		Média: 0,115		

Fonte: A Autora.

É possível reconhecer semelhanças no eixo paradigmático entre os itens lexicais que alçaram como, por exemplo, nos vocábulos *conversando* e *conversa*, *começa*, *começar*, *começo* e *comecei*. A concentração de determinados radicais tornou relevante a averiguação da relação paradigmática entre os vocábulos da amostra. Foi proposta, assim, uma nova rodada de cálculos na qual foi considerada a variável Radical em detrimento da variável Item Lexical. Em face da natureza predominantemente invariante da amostra, realizou-se uma rodada apenas com os radicais variantes. Estes aparecem relacionados no Quadro 6 a seguir.

Quadro 6: Radicais variantes – vogal /o/

RADICAL	NÃO APLICAÇÃO	APLICAÇÃO	TOTAL
com-	15	21	36
começ-	144	9	153
concord-	4	2	6
convers-	61	5	66
govern-	3	2	5
pod-	19	1	20
TOTAL	246	40	286

Fonte: A Autora.

Nessa rodada, o programa selecionou apenas a variável Radical como estatisticamente significativa para o alçamento de /o/, conforme apresentado na Tabela 2 abaixo.

Tabela 2: Elevação da vogal /o/- Paradigma

RADICAL	INTERCEPTS	APLICAÇÃO	%	PESO RELATIVO
com-	1.796	21/36	58,3	0,850
govern-	0.746	2/5	40	0,664
concord-	0.588	2/6	33,3	0,628
convers-	-0.795	5/66	7,6	0,298
pod-	-0.860	1/20	5	0,284
começ-	-1.093	9/153	5,9	0,239
TOTAL DE APLICAÇÃO		40/286		
Desvio: 191.068		Média: 0,14		

Fonte: A Autora.

5 Discussão dos resultados

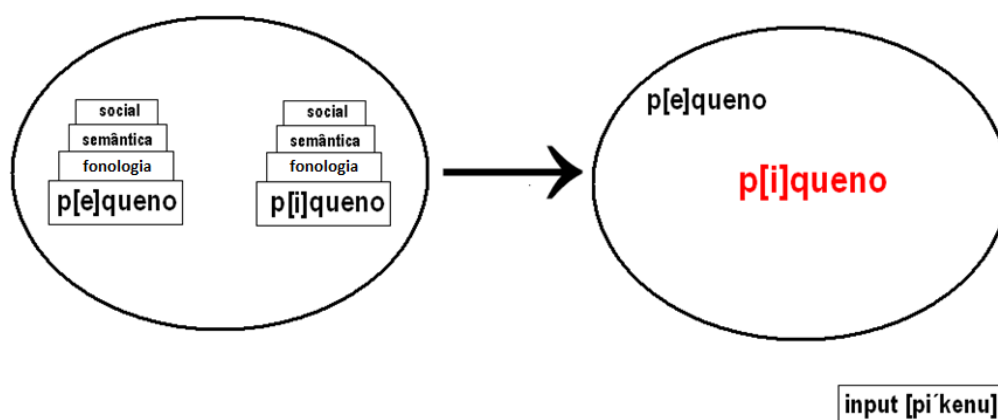
5.1 Vogal /e/

Em relação à vogal /e/, a constatação de que há um número muito reduzido de dados variantes e um extenso número de dados inerentemente invariantes por si só já fortalece a hipótese inicial de que a elevação sem motivação aparente está restrita a alguns poucos itens lexicais por força de seleção lexical e não por condicionamento contextual específico.

O conjunto de dados da vogal /e/ apresentou uma concentração extrema de itens lexicais invariantes que o programa estatístico não conseguiu modelar. Dessa forma, o fenômeno de elevação sem motivação aparente, tal como aqui se apresentou, indica que não estamos tratando de um processo variável inerente, mas sim de casos isolados em que a vogal média pretônica realiza-se como alta variavelmente.

Ao considerarmos os resultados apresentados, assumimos que, na medida em que essas formas alçadas são recorrentemente utilizadas pelos usuários da língua, a forma variante passa a ganhar espaço no mapa cognitivo dos falantes/ouvintes tal como preconizado pela Teoria de Exemplos. A Fig. 1 apresentada a seguir ilustra a situação em que um falante/ouvinte é recorrentemente exposto ao *input* p[i]queno.

Figura 1: Elevação sem motivação aparente sob a ótica da Teoria de Exemplos



Fonte: A Autora.

Segundo a Teoria de Exemplos, a recorrência de uma forma tende a fortalecê-la, fazendo com que seu exemplar passe a ocupar o centro da nuvem/categoria. Seu fortalecimento pode, por consequência, ativá-la enquanto representação daquela palavra (cf. BYBEE, 2001). Assim posto, poderíamos propor que as formas *pequeno* e *pequena*, categoricamente alçadas na amostra, assim se cristalizaram no léxico dos jovens porto-alegrenses contemplados pela amostra porque o exemplar alçado é a forma recorrente em seu grupo social.

Além disso, porque formas variantes coexistem dentro da nuvem, ou seja, são concebidas como pertencentes à mesma categoria, uma forma como [i]vangélica não é percebida como destoante da forma canônica [e]vangélica. Daí os indivíduos darem conta da variação existente em sua língua, pois as produções variantes estão registradas no espaço paramétrico da nuvem e podem ser recuperadas no uso social.

Há casos em que uma única forma variante pode vir a fixar-se ou, ainda, casos em que duas formas variantes podem coexistir de maneira estável. No caso dos jovens aqui analisados, seus hábitos linguísticos revelam que p[i]queno, conforme já apresentado, é a forma ativada no léxico mental desses informantes. Já os vocábulos s[e]nhora e s[i]nhora, por sua vez, encontram-se ambos ativados no léxico de alguns informantes e, por isso, são produzidos variavelmente.

Ao computar as diferenças e semelhanças entre os componentes gramaticais que constituem os exemplares s[e]nhora e s[i]nhora, por exemplo, o falante identificará que a produção fonética de um e outro exemplar é possível sem alterar em qualquer grau a

informação linguística e social circunscrita a eles. Assim, se a frequência não recair predominantemente sobre uma forma variante específica, as duas permanecerão ativas em seu léxico mental e o indivíduo poderá produzir ora uma ora outra variante.

A Teoria de Exemplos entende que os falantes adquirem diferentes gramáticas a partir das associações que emergem da análise das representações múltiplas dos exemplos que vão sendo internalizados, representações estas que justificam tanto a variação no grupo quanto no indivíduo.

A distribuição referente à escolaridade revelou que os informantes que cursaram somente a Educação Básica alçaram menos a vogal /e/ que os informantes com mais anos de escolarização. Esperava-se, contudo, que os informantes com mais anos de escolarização fizessem menor uso da forma alçada, uma vez que a exposição relativamente mais longa à forma ortográfica poderia determinar a preferência pelas formas canônicas.

Ao que parece, o maior uso da forma elevada pelos falantes mais escolarizados não está condicionada à exposição mais longa à escrita, mas à exposição à forma mais recorrentemente utilizada pelo grupo social no qual os falantes estão inseridos e à consequente ativação dessa forma no seu léxico, conforme premissas da Teoria de Exemplos.

5.2 Vogal/o/

A falta de ortogonalidade na distribuição dos dados inviabilizou a avaliação estatística de algumas das variáveis propostas, sendo que somente as variáveis Altura da Vogal Seguinte, Tipo de Sílabas, Nasalidade, Distância da Sílabas Tônicas, Sexo, Faixa Etária, Escolaridade e Item Lexical foram consideradas na primeira iteração. As variáveis Sexo, Faixa Etária, Escolaridade, Tipo de Sílabas, Nasalidade e Radical, por sua vez, foram consideradas na segunda iteração.

Em relação à vogal /o/, observamos que os itens lexicais *comer* e *concordo* são favorecedores da elevação, apresentando pesos relativos acima de 0,75. Já os vocábulos *poder*, *conversando* e *começo* nem favoreceram nem desfavoreceram a aplicação variável do alçamento, ficando muito próximos do ponto neutro. Por fim, os vocábulos *começar*,

conversa, *começa* e *comecei* são relativamente desfavorecedores da elevação da vogal /o/ pretônica.

Identificou-se que o alçamento atinge principalmente verbos e que a elevação propaga-se paradigmaticamente por entre as formas que compartilham um mesmo radical. Observou-se, todavia, que a propagação é irregular, atingindo algumas formas (c[u]meçar, c[u]mecei e c[u]meça) e outras não (c[u]meçando é uma forma que não ocorre na amostra).

O levantamento por radical corroborou, portanto, a hipótese de que a elevação sem motivação aparente se propaga palavra por palavra e de que os radicais são o principal meio no qual essa propagação ocorre, tanto no caso da vogal /e/ quanto no caso de /o/, ainda que a aplicação não seja categórica pela via paradigmática.

Os radicais *com-*, *govern-* e *concord-* apresentaram coeficientes *intercepts* positivos, ou seja, favoreceram a elevação de /o/. Os paradigmas derivacionais *convers-*, *pod-* e *começ-*, por sua vez, mostraram-se desfavorecedores à aplicação do processo variável.

Ao que tudo indica, a propagação de aplicação do alçamento ocorre de modo difuso, primariamente, por efeito de seleção lexical e, secundariamente, por força de um ambiente fonético propício que confere respaldo à fixação local de uma forma alçada pelo léxico (cf. OLIVEIRA, 1992). Encontramos evidências para isso na elevação categórica de *comendo* que é simultânea a não elevação categórica de *começou*, vocábulos que apresentam os mesmos contextos precedente e seguinte⁷ supostamente favorecedores da elevação.

Partindo do pressuposto difusionista de que os alçamentos atingem palavras e não sons, acreditamos que a plasticidade do léxico permite a implementação de um processo variável tal como a elevação sem motivação aparente após a cristalização do vernáculo ao final da adolescência. Assim, a frequência de aplicação do processo variável sob análise independeria da idade dos falantes. Tal suposição, contudo, somente pode ser validada através da verificação da aplicação da elevação sem motivação aparente em diferentes grupos etários, incluindo aí crianças, jovens, adultos e idosos.

⁷ Investigações posteriores devem ser conduzidas no sentido de avaliar se outros fatores fonéticos e prosódicos (acento secundário, por exemplo) interferem na aplicação do alçamento.

Acreditamos, em consonância com Bybee (2001), que a frequência de ocorrência de diferentes formas linguísticas é fundamental para a aquisição e uso de um sistema linguístico, incluindo aí a competência sobre o mecanismo de variação. Os efeitos da frequência de ocorrência na variação fonético-fonológica do português brasileiro foram investigados por Oliveira (2006) e Huback (2013), entre outros.

Oliveira (2006) investigou a variação em itens lexicais com sílaba final átona formada por /l/ seguida de vogal (*aquela* ~ *aquel* ~ *aquel* ~ *aquê*) a partir de dados da região de Itaúna, Minas Gerais. O autor afirma que a probabilidade de um item de alta frequência sofrer o processo de redução corresponde a três vezes a probabilidade de um item de baixa frequência sofrer o mesmo processo no *corpus* por ele analisado. Huback (2013), por sua vez, verificou que as palavras mais frequentes são primeiro afetadas em alguns processos, enquanto que palavras menos frequentes são primeiro afetadas em outros processos. Entre os fenômenos que atingem primeiro as palavras mais frequentes, têm-se, por exemplo, o apagamento de /r/ final em formas nominais (*melhor* ~ *melho*).

Considera-se frequente na amostra aquelas palavras que apresentam 30 ou mais ocorrências por milhão no *corpus* da língua⁸. Segundo Bybee (2006), todavia, não há parâmetros bem definidos para a mensuração da frequência. Além disso, entendemos que os parâmetros de frequência devem ser estabelecidos para cada língua. Assim sendo, tomamos os parâmetros utilizados em língua inglesa como indicadores no presente estudo em razão do nosso desconhecimento sobre a existência de parâmetros de frequência específicos à língua portuguesa.

As frequências de ocorrência na língua dos radicais que variavelmente alçaram na amostra Jovens Porto-Alegrenses apresentadas no Quadro 7 a seguir foram obtidas a partir do *corpus* Brasileiro disponibilizado pelo LAEL/PUCSP.

⁸ Tal notação baseia-se nos critérios de frequência utilizados no *corpus* de língua inglesa da Brown University.

Quadro 7: Frequência de ocorrência na língua dos radicais alçados na amostra Jovens Porto-Alegrenses

RADICAL	Nº de OCORRÊNCIAS por milhão
com-	332
concord-	151
começ-	65
convers-	212
govern-	110
poder-	257
evangel-	6
senhor-	258

Fonte: A autora

Observa-se no quadro acima que os radicais que alçaram na amostra, com exceção de *evangel-*, são todos frequentes no *corpus*. Fizemos uma relação entre a alta frequência desses radicais na língua e sua recorrência na forma alçada na amostra com o intuito de corroborar a hipótese de que quanto mais frequente uma forma é, mais fortalecida ela tende a ficar no léxico mental dos falantes/ouvintes. Isso significa, em outras palavras, que uma determinada forma alçada pode fixar-se no léxico dos falantes/ouvintes mediante sua frequência de ocorrência na língua.

Considerações finais

As baixas taxas de aplicação da elevação sem motivação aparente entre os jovens porto-alegrenses (2% para /e/ e 3% para /o/) correspondem aos itens lexicais *senhora*, *evangélica*, *comer*, *concordo*, *poder*, *conversando*, *começo*, *começar*, *conversa*, *começa* e *comecei*, e aos radicais *evangel-*, *senhor-*, *com-*, *começ-*, *concord-*, *convers-*, *govern-* e *pod-* que alçaram variavelmente na amostra.

A análise quantitativa evidenciou que o léxico tem papel primário na elevação da vogal /o/, uma vez que, entre as variáveis linguísticas e sociais consideradas neste estudo, somente as variáveis de cunho lexical propostas, a saber, Item Lexical e Radical, foram selecionadas como estatisticamente favorecedoras da elevação.

Quanto à vogal /e/, as escassas ocorrências de formas variavelmente alçadas impossibilitaram o tratamento estatístico dos dados. Contudo, na ausência de um contexto fonético específico, fortaleceu-se a hipótese de que um mecanismo de seleção lexical possivelmente determina as palavras candidatas ao alçamento.

A suspeita de que o léxico atua na implementação variável do alçamento já havia sido levantada por outros pesquisadores (KLUNCK, 2007; BISOL, 2009; CRUZ, 2010), porém, ainda não era possível apresentar evidências estatísticas sobre esse fato. No presente estudo, todavia, com a utilização do programa Rbrul, foi possível efetuar a análise conjunta de variáveis contextuais e lexicais a fim de verificar quais variáveis são estatisticamente favorecedoras da elevação sem motivação aparente.

A aplicação irregular e a inexistência de fatores sociais condicionantes na amostra Jovens Porto-Alegrenses caracterizam o processo de elevação sem motivação aparente como um fenômeno de cunho difusionista. Assim entendido, o alçamento ocorreria, primariamente, por força do léxico e um condicionamento fonético favorecedor não seria excluído do processo de alçamento, mas, em consonância com Oliveira (1991, 1992, 1995), teria papel secundário em relação ao léxico.

Acreditamos que a perspectiva teórica do modelo exemplarista contribui para o entendimento do processo de elevação sem motivação aparente, uma vez que concebe que a variação fonético-fonológica decorre da frequência de exposição do falante/ouvinte às formas alternantes e do armazenamento cognitivo dos conteúdos gramatical e sociolinguístico inerentes a cada exemplar experienciado.

Buscamos com este estudo ter contribuído para a descrição do processo de elevação sem motivação aparente das vogais médias pretônicas, bem como para futuros estudos sobre a variação no português brasileiro através dos pressupostos fundamentais da Teoria de Exemplos.

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil.

Referências

BISOL, Leda. O alçamento da pretônica sem motivação aparente. In: BISOL, Leda; COLLISCHONN, Gisela (Org.). *Português do Sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2009. p. 73-92.

BYBEE, Joan. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Language*, n. 82, v. 4, p. 529-551, 2006.

CHEN, Matthew; WANG, William. Sound change: Actuation and implementation. *Language*, Baltimore, v. 51, n. 2, p. 255-81, 1975.

CRUZ, Marion. *As vogais médias pretônicas em Porto Alegre-RS: um estudo sobre o alçamento sem motivação aparente*. 2010. 203 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

HUBACK, Ana Paula. A interferência da frequência em fenômenos linguísticos. *Delta*, v. 29, n. 1. PUCSP/Lael: São Paulo, 2013.

JOHNSON, Daniel Ezra. Getting off the GoldVarb standard: Introducing Rbrul for mixed effects variable rule analysis. *Language and Linguistics Compass*, v. 3, p. 359-383, 2009.

JOHNSON, Keith. Speech perception without speaker normalization. In: JOHNSON, K.; MULLENIX, J. W. (Ed.). *Talker Variability in Speech Processing*. San Diego: Academic Press, 1997. p. 145-166.

KLUNCK, Patrícia. *Alçamento das Vogais Médias Pretônicas sem Motivação Aparente*. 2007. 112 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

LAEL/PUCSP. *Corpus Brasileiro*. Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <<http://www.sketchengine.co.uk/>>. Acesso em: 26 ago. 2014.

OLIVEIRA, Alan Jardel. *Variação em itens lexicais terminados em /l/ V na cidade de Itaúna/MG*. 2006. 156 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. The Neogrammarian Controversy Revisited. *International Journal of the Sociology of Language*, Berlin, v. 89, p. 93-105, 1991.

_____. Aspectos da Difusão Lexical. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 1, p. 31-41, 1992.

_____. O Léxico como Controlador de Mudanças Sonoras. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 4, p. 75-92, 1995.

PIERREHUMBERT, J. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition, and contrast. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Ed.) *Frequency effects and the emergence of lexical structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p.137-157.

_____. Probabilistic Phonology: Discrimination and Robustness. In: BOD, R.; HAY, J.; JANNEDY, S. (Ed.) *Probability Theory in Linguistics*. Cambridge: MIT Press, 2003. p. 177-228.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Saúde Reprodutiva de adolescentes: uma estratégia para a ação*. Genebra: OMS/FNUAP/UNICEF, 1989.

SILVA, Ana Paula Correa da. *Elevação sem motivação aparente das vogais médias pretônicas entre os jovens porto-alegrenses*. 2014. 171 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

Recebido em junho de 2014.

Aceito em outubro de 2014.